

## UMA ANÁLISE DO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO DO ACIDENTE DA CHAPECOENSE NA REVISTA ÉPOCA<sup>1</sup>

Milena Mezalira<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa tem como objetivo analisar a construção do acontecimento jornalístico do acidente da Chapecoense a partir da reportagem especial da revista *Época*. Para entender o conceito de acontecimento jornalístico, foram usados como base Rodrigues (1993) e Berger e Tavares (2009). A compreensão de jornalismo de revista foi dada a partir de Scalzo (2004), e de reportagem pelas considerações de Melo (2009). A metodologia utilizada é o Protocolo de Análise de Cobertura Jornalística proposto por Silva e Maia (2011), que possibilita identificar as marcas de produção presentes no conteúdo apresentado. A análise empreendida autoriza a dizer que a reportagem conseguiu de forma suficiente repassar, através de sua construção, as informações necessárias para os leitores de forma clara e objetiva.

**Palavras-chave:** Acontecimento jornalístico; Reportagem; Chapecoense; Revista *Época*.

### 1 Introdução

Quanto mais um fato foge da realidade cotidiana, mais chances ele tem de se tornar um acontecimento jornalístico e aparecer nos veículos de comunicação. Existem acontecimentos de diferentes naturezas, e são transformados em notícia dependendo da importância e relevância que o fato tem para o jornalista e para o veículo. É possível dizer que o jornalista tem o “faro” para identificar quais são os melhores fatos para compor as páginas de uma revista, por exemplo.

O acidente da Chapecoense foi uma tragédia aérea ocorrida em 28 de novembro de 2016, no voo LaMia 2933. A aeronave trazia 77 pessoas a bordo, tendo como passageiros atletas, equipe técnica, jornalistas, convidados e a diretoria do time brasileiro que estavam indo a Medellín, onde o clube disputaria a primeira partida da final da Copa Sul-Americana contra o Atlético Nacional. Entre passageiros e tripulantes, 71 pessoas morreram na queda do avião e seis foram resgatadas com vida. O acidente foi uma tragédia que repercutiu não apenas na imprensa brasileira, mas gravou seus fatos na história do esporte mundial. Em decorrência do fato, a história foi veiculada de forma ampla por toda a imprensa, levando aos telespectadores as mais diferentes versões do ocorrido.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a construção do acontecimento relativo à queda do avião produzido pela revista *Época*. Serão utilizados, para isso, os conceitos de acontecimento pelo autor português Adriano Duarte Rodrigues (1993), e por

<sup>1</sup> Artigo produzido como requisito para a conclusão do curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo – UPF.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: mimezalira@gmail.com

Christa Berger e Frederico M. B. Tavares (2009), a compreensão de jornalismo de revista por Marília Scalzo (2004) e reportagem, que se deu através das considerações de Marques de Melo (2009). Para a análise, será seguido o Protocolo de Análise Jornalístico apresentado por Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011).

A queda do avião que levava a delegação da Associação Chapecoense de Futebol configurou uma tragédia que, além de levar a morte de quase um time inteiro e de diversos jornalistas, afetou famílias, torcedores e também uma instituição que precisou se reconstruir. Esse artigo foi criado pensando em quais marcas o processo de produção da notícia deixou visível no produto final de uma das revistas mais lidas no Brasil.

Primeiramente no artigo foram conceituados o acontecimento social e o acontecimento jornalístico. Logo em seguida, foi discutido o conceito de jornalismo de revista e de reportagem, e por fim, foi aplicado o protocolo de análise jornalística na reportagem da revista *Época*, apresentado primeiro na seção de Metodologia e, após, operacionalizado na análise.

## **2 O jornalismo e sua relação com o acontecimento**

O jornalismo tem ligação direta com o acontecimento. O jornalismo precisa do acontecimento para toda a produção jornalística e o acontecimento precisa do jornalismo para ser exposto ao mundo e ao público. Pode ser considerado acontecimento uma situação inédita que não seja normalidade no cotidiano, algo que possa ser considerado extraordinário. Algo que seja rotineiro não pode ser considerado um acontecimento, conforme Rodrigues (1993, p. 29) “o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo”. O conceito de acontecimento proposto por Rebelo (2006), diz que nem todas as ocorrências são acontecimentos.

O jornalista é o profissional que tem a formação para classificar o que pode ser realmente considerado um acontecimento, e é através dos veículos de comunicação que estes acontecimentos ganham notoriedade. É a apuração jornalística que transforma o fato em acontecimento. A noticiabilidade do acontecimento é negociada entre os jornalistas e todas as pessoas envolvidas no processo produtivo.

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias

dentro das quais os jornalistas freqüentemente operam se as pensar (SILVA, 2005, p. 96).

Antes o jornalista tinha um tempo maior para apurar e produzir a sua matéria, agora a velocidade de informações circulando é muito maior e tudo ficou mais corrido, prejudicando muitas vezes a qualidade da apuração de uma notícia. A informação é passada, mas muitas vezes sem a devida apuração ou sem respeitar os critérios de noticiabilidade que norteiam a prática da profissão. Cabe ao profissional manter a ética e zelar sempre pela verdade.

Quando vemos o telejornal ou folheamos as páginas de um quotidiano partimos habitualmente do pressuposto de que o jornalista é digno de confiança e nos relata aquilo que efectivamente aconteceu, fazemos fé na credibilidade da sua palavra, confiamos na fiabilidade das imagens do acontecimento (RODRIGUES, 1993, p. 32).

O que define um acontecimento como uma notícia, no entanto, não é tão simples assim. Rodrigues (1993), afirma que há vários registros da notabilidade dos fatos. O primeiro que ele cita é o do excesso, que o autor caracteriza como “visto ser irrupção por excelência do funcionamento anormal da norma, emergência escandalosa de marcas excessivas do funcionamento normal dos corpos” (RODRIGUES, 1993, p. 28). O outro registro é o da falha, que o autor exemplifica como a queda repentina e imprevisível dos valores da bolsa. O terceiro e último é o da inversão, o fato mais inusitado possível. “A teoria jornalística que considera o facto de um homem morder um cão como notícia inscreve-se nesse registro” (RODRIGUES, 1993, p. 28).

Christa Berger e Frederico M. B. Tavares (2009) no artigo intitulado ‘Tipologias do acontecimento jornalístico’, buscam definir o que é um acontecimento jornalístico e defendem a tese de que o acontecimento pode ser entendido como uma quebra da normalidade das coisas e desencadeia a necessidade de explicação. Os autores citam que existem no mínimo dois tipos de acontecimento, o vivido no cotidiano e o acontecimento jornalístico.

O primeiro, pensado pela história, a Filosofia e as Ciências Humanas em geral, tem sido objeto de estudo e investigação, tangenciando reflexões que perpassam uma relação com o tempo, objetivo e/ou (inter) subjetivo. Diz respeito à emergência e as afetações do acontecimento na realidade tangível e em suas reverberações cognitivas. Já o segundo, localiza-se principalmente nas reflexões dos estudos de jornalismo, ou em textos que tomam o acontecer, em sua representação midiática, como objeto (BERGER; TAVARES, 2009, p. 3).

O acontecimento jornalístico normalmente é inesperado, mas segundo Berger e Tavares (2009), existem os acontecimentos midiáticos programados, como por exemplo, os

eventos esportivos, os cerimoniais, desfiles de moda, entre outros. São aqueles eventos que terão a cobertura da mídia, e que já são agendados ou programados para acontecer. Rodrigues (1993), também cita os acontecimentos imprevisíveis em seu texto.

Hoje, apesar das várias práticas de adivinhação, desde a cartomancia à astrologia, continuarem a exercer funções análogas, a descrença na veracidade das suas previsões, consequência das modalidades da moderna racionalidade, tende a criar novas formas de regulação dos acontecimentos imprevisíveis. O discurso jornalístico inscreve-se inequivocamente neste processo de enquadramento e de regulação (RODRIGUES, 1993, p. 29).

Os autores citam que o jornalismo se dedica a reconhecer os acontecimentos do mundo, e assim, produzir o acontecimento jornalístico, envolvendo os processos e as práticas da produção jornalística. Então, algumas tipologias do acontecimento jornalístico começam a ser citadas. Uma das teorias apontadas é a Teoria dos Sistemas. Com base em José Manuel dos Santos (2005), José Bragança de Miranda (2006) e Patrick Charaudeau (2006), o estudo fala sobre os micro acontecimentos, macro acontecimentos e mega acontecimentos, e citam que estes podem ser separados em suas dimensões. Os micro acontecimentos seriam os de pouca repercussão. Os macro acontecimentos são aqueles que fogem da normalidade, e os mega acontecimentos são aqueles com uma importância maior, como por exemplo, acidentes e desastres naturais.

Na segunda parte da análise: “O esperado: acontecimentos projetados”, os autores do artigo usam os estudiosos Patrick Charaudeau (2006), Isabel Babo-Lança (2008), Marc Augé (2011) e Umberto Eco (1984) para classificar os acontecimentos de outras formas. Charaudeau (2006), cita o acontecimento programado e o acontecimento suscitado. O programado é algo já esperado ou anunciado com antecipação, e o suscitado é aquele induzido por algo ou alguém. Isabel Babo-Lança (2008), com base em outros teóricos, cita os pseudo-acontecimentos que são os planejados para fazerem parte da notícia, e os programados, que fazem referência a grandes coberturas de cerimônias e eventos públicos. Umberto Eco (1984) e Marc Augé (2011), entendem que os acontecimentos projetados não passam de uma ficção.

Berger e Tavares (2009), citam que os tipos de acontecimento surgem da análise de exemplos de coberturas jornalísticas, e através dos autores citados, definem os tipos de acontecimentos jornalísticos como: (1) Acontecimentos Gerais e Acontecimentos jornalísticos; (2) Meta-acontecimentos, pseudo-acontecimentos, não-acontecimentos; (3) Acontecimentos autogerados e Acontecimentos heterogerados; (4) Acontecimentos cotidianos, sociais, puros, brutos, vividos, legítimos, acontecimentos noticiosos, legitimados,

mediáticos; (5) Acontecimentos inesperados e Acontecimentos esperados; Acontecimentos-acidente, imprevisíveis, acontecimentos programados, projetados, previsíveis, encenados.

## 2.1 O jornalismo de revista

O jornalismo é operado através de um meio, de um veículo. Os veículos são diferentes e atingem o público de forma diferenciada. O jornalismo de revista apresenta algumas particularidades que os diferenciam dos textos produzidos para os demais meios de comunicação impressos. Entre as revistas, ao contrário dos jornais, existe a segmentação por assunto e tipo de público, que faz parte do veículo. “As revistas nasceram monotemáticas (tratando de um único assunto por título) e depois passaram a ser multitemáticas” (SCALZO, 2004, p. 21). A reportagem também é um diferencial da revista.

A proposta de classificação dos gêneros jornalísticos surgiu buscando compreender os tipos de textos que eram produzidos e, assim, compreender as características diferenciadas. “Os gêneros jornalísticos correspondem a um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, a partir das formas de expressão adotadas nas empresas e refletindo em certo sentido o consenso corporativo” (MELO, 2003, p. 11). Para o autor, são os motores da indústria jornalística que se movimentam, dependendo da expectativa dos consumidores de informações atuais.

Na classificação proposta por Melo (2009), uma das mais estudadas no Brasil e que se fundamenta “em observações empíricas do jornalismo brasileiro no quinquênio 2002-2007” (MELO; ASSIS, 2016, p. 35), a distribuição dos formatos é sugerida em: gênero informativo, gênero opinativo, gênero interpretativo, gênero diversional e gênero utilitário.

Para este estudo, é fundamental a compreensão do gênero interpretativo, ao qual a reportagem está atrelada. Durante a escrita da reportagem, o jornalista consegue interpretar o fato, mesclando vários tipos de fontes e opiniões. O papel do jornalista é perceber o que e quem são úteis para a análise, para não trazer ao leitor apenas a “caixa”, mas sim tudo que há ao seu redor. Sendo assim, o jornalismo interpretativo é fazer o público entender o que ele está consumindo.

Na medida em que informa e orienta, também contribui para enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade. Isso se efetiva por intermédio de informações que esclarecem o que está acontecendo e não é percebido claramente pelo público. Os fatos são, portanto, esclarecidos, explicados, detalhados. Essa função corresponde ao jornalismo interpretativo (MELO, 2003, p. 29).

Marques de Melo (2009) define jornalismo interpretativo como “um modo de aprofundar a informação”. Os formatos do gênero interpretativo apresentados pelo autor são análise, perfil, enquete e cronologia.

O dossiê pela definição de Marques de Melo (2009), aparece em formato de “mosaico”, com intenção de proporcionar um melhor entendimento das notícias. De acordo com o autor, é ilustrado com gráficos, mapas ou tabelas. O perfil tem como principal aspecto o ato de narrar a vida das pessoas, ou seja, o processo de humanização da reportagem, e a enquete é tida como uma ferramenta de opinião pública. A cronologia complementa e resgata informações para a melhor compreensão do leitor.

Conforme exposto, ao gênero interpretativo estão ligadas as reportagens, e a publicação desse modelo de texto está ligada, essencialmente, ao jornalismo de revista. Foi em 1663, na Alemanha, que surgiu a primeira revista impressa. O periódico *Discussões Mensais Edificantes* era constituído de artigos que tratavam de assuntos ligados à teologia e assemelhava-se a um livro normal. Já no Brasil, as revistas chegaram no início do século XIX, junto com a corte portuguesa - que vinha fugindo da guerra e de Napoleão. Já chegaram com o assunto de que iriam tratar e com os meios para serem feitas. A primeira revista do Brasil, *As Variedades ou Ensaio de Literatura*, apareceu em 1812 (SCALZO, 2004).

As revistas se popularizaram na medida com que o nível de escolarização das pessoas aumentou, e também conforme os avanços gráficos foram acontecendo. Para Scalzo (2004), as revistas impressas, e o que é impresso, historicamente, parece mais verdadeiro do que aquilo que não é. A autora cita que as revistas e os jornais impressos explicam e aprofundam mais a história já vista na televisão e ouvida no rádio.

Se ocorre um fato que mobiliza a população e tem ampla cobertura na televisão (os atentados ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001, por exemplo), é certo que jornais e revistas venderão muito mais no dia e na semana seguintes, já que servem para confirmar, explicar e aprofundar a história já vista na tv e ouvida no rádio” (SCALZO, 2004, p. 13).

As revistas se diferenciam dos outros meios justamente por falar diretamente com o leitor, seja por meio de pesquisas, ou mesmo por telefonemas, cartas e e-mails enviados à redação. Segundo Scalzo (2004, p. 37), “para quem trabalha em uma publicação que depende muito da sintonia fina com seu público, esse contato é essencial”. A periodicidade das notícias também a faz diferente de outros meios, por isso o jornalista deve sempre explorar novos ângulos, buscas notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que o leitor deseja saber. Os periódicos também normalmente têm um público específico. Como por exemplo, a revista

Placar que fala de esportes, as revistas de informações mais gerais como a *Época*, as revistas femininas que trazem novidades de moda como a *Capricho*, entre outras.

Segundo Marília Scalzo (2004, p. 69), “quando alguém olha para uma página de revista, a primeira coisa que vê são as fotografias. Antes de ler qualquer palavra, é a fotografia vai prendê-lo aquela página ou não”. Em revistas, as fotos chamam o leitor para a matéria. Ter boas fotos em mão é fundamental para a construção de uma boa reportagem em uma revista. As fotos provocam sensações nas pessoas e são rodeadas de um grande apelo visual.

Em uma época carregada de apelos visuais, o uso da fotografia tornou-se ainda mais relevante. Uma pesquisa feita com leitores da revista *Veja* mostrou que uma matéria de uma coluna, sem foto ou ilustração, é lida por apenas 9% dos leitores. Já a mesma pequena matéria de uma coluna de texto, acompanhada de uma foto ou ilustração, é lida por 15% deles (SCALZO, 2004, p. 70).

Os infográficos são tão essenciais quanto a fotografia, e muitas vezes também são a porta de entrada para os textos. Para Scalzo (2004, p. 75), “um bom infografista deve ser, antes de tudo, um repórter. Ele precisa estar envolvido na apuração para poder passar o maior número de informações, com o máximo de clareza possível”. O infográfico serve para fornecer as informações ao leitor de uma forma mais fácil, usando gráficos, tabelas, desenhos, fotos, legendas e etc. É acima de tudo informação visual.

Esse recurso é ótimo para descrever processos – como um acidente de avião aconteceu, como um vírus ataca o corpo, como é a órbita de um planeta, como dar um nó na gravata -, para fazer analogias – de tamanho, de tempo, de espaço – e para explicar coisas que são grandes demais – galáxias, constelações – ou pequenas demais – células, partículas subatômicas (SCALZO, 2004, p. 74).

É importante citar também que assim como em outros veículos de comunicação, as revistas também são ligadas aos interesses comerciais. Como é possível identificar na maioria das revistas, são reservados grandes espaços para os anunciantes apresentarem os seus produtos. De acordo com Scalzo (2004, p. 83), “os anúncios são indispensáveis à sobrevivência das revistas. Sem falar que a publicidade, quando adequada ao veículo, também pode ser lida como informação”.

O jornalismo praticado pelas revistas apresenta características comuns. As revistas são veículos capazes de confirmar, explicar e aprofundar o que já é veiculado por mídias mais imediatas, como por exemplo, os jornais. Por conta da sua periodicidade, tem mais tempo para elaborar e checar as informações que serão veiculadas, além de poder ajustar o foco do leitor, como é o caso da reportagem especial da *Chapecoense*, veiculada na revista *Época*.

Os meios impressos e principalmente as revistas, reúnem as características mais adequadas para o aprofundamento de uma informação. Furtado (2013), entende que para fazer uma reportagem, é necessário um tempo maior de produção.

O repórter precisa também de mais tempo para escrever e editar seu texto. Com isso, as informações que ele coletou levarão mais tempo para chegar ao leitor; em compensação, sua produção será mais perene e durará mais tempo nas mãos dos leitores. A reportagem, na qualidade de forma discursiva, tende a afastar o fato do relato, potencializando o status do jornalista como alguém que interpreta o mundo e o constrói simultaneamente. (FURTADO, 2013, p. 150).

Normalmente nos meios impressos e principalmente nas revistas, pela periodicidade, os jornalistas conseguem ir mais a fundo nas notícias, e é por isso que o tempo da reportagem não é o mesmo da notícia. A notícia é aquela que é dada como rotina do repórter e é repassada aos receptores na hora, principalmente nos meios mais ágeis como a internet, o rádio e a TV. Atualmente a internet tem sido o principal espaço para que o público fique sabendo rapidamente o que está acontecendo no mundo. Furtado (2013), ressalta que as características das mídias digitais têm sido reconhecidas por muitos como uma ameaça ao jornalismo, já que qualquer um pode exercer a atividade de repórter.

Os meios impressos precisam se diferenciar das pessoas que postam em suas redes sociais de alguma maneira para conseguir “sobreviver”. Para Furtado (2013), existem duas formas: o do aprofundamento e o da especulação. A autora cita que o do aprofundamento parece ser uma boa alternativa para quem deseja construir boas reportagens de qualidade, e que o segundo caminho pode ser bastante perigoso.

A pauta para uma reportagem pode ser gerada por um acontecimento factual – como por exemplo um acidente – ou pode se tratar de um metaacontecimento, que no jornalismo é chamado de “gancho”, um evento que torna algo novo que é atemporal. As reportagens de revistas de comportamento são um exemplo de abordagem de metaacontecimento.

Existem diversas características que compõem uma reportagem, e construir uma boa reportagem pode não ser tão fácil, principalmente para os jornalistas iniciantes.

Construir uma reportagem com o objetivo de aprofundar um tema do presente passa, portanto, por várias etapas: uma pauta bem pensada, uma apuração rigorosa, uma boa relação entre repórter e fotógrafo, uma redação cuidadosa e uma edição honesta, que valorize as informações coletadas. Essa é a forma mais trabalhosa de se construir uma reportagem, justamente porque exige mais tempo de dedicação, mas só assim os jornalistas estarão construindo e aprofundando a história do presente. (FURTADO, 2013, p. 156).

É necessário que o repórter faça uma conferência final do texto editado, e se preciso pedir as alterações que achar necessário. O ideal da edição é que o repórter, o fotógrafo, o editor e o diagramador façam um trabalho conjunto.

### 3 Metodologia

Para a construção do artigo, que tem como objetivo geral analisar a construção do acontecimento relativo à queda do avião produzida pela revista *Época* serão utilizados os conceitos de acontecimento pelo autor português Adriano Duarte Rodrigues (1993), e por Christa Berger e Frederico M. B. Tavares (2009), a compreensão de jornalismo de revista por Marília Scalzo (2004) e reportagem, que se deu através das considerações de Marques de Melo (2009). Para a análise, será seguido o protocolo de análise jornalístico de Silva e Maia (2011).

Com relação ao protocolo de análise, segundo as autoras, “(ele) ajuda a pensar, a identificar e a tipificar as especificidades da atividade jornalística, mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção averiguação e apresentação das informações” (SILVA; MAIA, 2011, p. 26). O acontecimento jornalístico pode ser observado pelas marcas que o processo de produção deixa no produto final, neste caso, na reportagem.

A proposta de metodologia analítica concentra-se em três níveis: 1- Marcas de apuração; 2 - Marcas da composição do produto; 3 - Aspectos da caracterização contextual.

O primeiro, mais específico, funciona como uma teleobjetiva: recai exclusivamente sobre a matéria jornalística - tomada de forma isolada -, explorando indícios do método de apuração e estratégia de cobertura em close-up. O segundo corresponde a uma lente normal, de alcance médio, pois oferece uma visão um pouco mais aberta do objeto, agora focado não só o texto, mas o conjunto mais amplo do produto, como localização na página, diagramação, foto etc. E o terceiro atua como uma grande angular - não capta detalhes, mas oferece um plano geral do objeto, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto sócio-histórico-cultural em que se insere a produção jornalística. (SILVA; MAIA, 2011, p. 27).

Dessa forma, será realizada uma análise mais geral, de cunho qualitativo, da abordagem feita pela revista nas páginas da reportagem do acidente aéreo. Para os fins deste trabalho serão utilizadas as definições de acontecimento por Adriano Duarte Rodrigues (1993) e por Christa Berger e Frederico M. B. Tavares (2009). A amostragem é intencional, já que a opção pelo método de estudo se deve ao fato da repercussão que o acidente obteve nos

veículos midiáticos, com a consequente criação de matérias especiais e aprofundadas, como é o caso da edição 964 da revista *Época*.

A revista *Época* foi lançada no ano de 1998, e é uma revista publicada no Brasil pela editora Globo. A sua periodicidade é semanal, e é uma revista que valoriza o padrão de imagem e gráfico da apresentação das reportagens. A partir de março de 2018, a revista passou a ser distribuída gratuitamente aos assinantes dos jornais *O Globo* e *Valor Econômico*, juntamente com a edição das sextas-feiras. O conteúdo da revista também é disponibilizado para os assinantes em formato digital. A revista foi escolhida por ter projeção nacional, além de ser uma revista com periodicidade semanal e que traz notícias e análises sobre o Brasil, mundo, política, esporte, entre outros.

O acidente da Chapecoense foi o motivo de mais uma das reportagens especiais da revista *Época*, que foi escolhida como objeto de análise devido ao seu poder de circulação no país, além de tratar dos mais diferentes assuntos, com foco delimitado pela classe social e por ter periodicidade semanal. Em 28 de novembro de 2016, o avião que levava a delegação da Chapecoense, convidados e jornalistas para o primeiro jogo da final da copa Sul-Americana, caiu nas proximidades de Medellín. Foram 71 mortos e apenas seis sobreviventes. Até hoje as famílias cobram pelos seguros da companhia aérea LaMia, da Bolívia, que foi contratada pela Chapecoense para o transporte para a partida que não aconteceu.

#### **4 A construção do acontecimento sobre o acidente da chapecoense**

No dia 05 de dezembro de 2016, a revista *Época* publicou sua edição de número 964. A reportagem especial da revista, ocupando 19 páginas, tinha como assunto o acidente da Chapecoense, ocorrido uma semana antes. O assunto da reportagem principal ocupou todo o espaço da capa (Figura 1). Segundo Scalzo (2004, p. 62), “uma boa revista precisa de uma capa que ajude a conquistar os leitores e os convença a levá-la para casa”. A capa da revista chama a atenção por ter apenas o logo do time da chapecoense e da revista *Época*, a escrita de “campeã Sul-Americana 2016” e o fundo preto, em alusão ao luto pela morte das vítimas do acidente.

Figura 1 - Capa da Revista Época



Fonte: Revista Época (2016)

Com a aplicação do protocolo de Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011), na reportagem da revista *Época*, foi possível analisar como se deu a cobertura jornalística do acontecimento nas páginas da revista. O protocolo prevê três fases que serão analisadas em sequência. A primeira explora indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura, o segundo oferece uma visão um pouco mais aberta do objeto, não focando só no texto, mas também na diagramação, foto, entre outros, e o terceiro funciona como uma grande angular, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto-sócio histórico da produção jornalística.

No protocolo de análise de Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011), o primeiro nível pede a observação das **marcas de apuração**, das assinaturas na reportagem, o local de apuração e a origem da informação. Nas marcas de apuração é possível detectar as estratégias que os veículos adotam para captar os acontecimentos. A reportagem foi assinada por diversos repórteres da revista *Época*. Diego Escosteguy, Marcelo Moura e Sérgio Garcia, da redação da revista *Época*, Maurício Builes, jornalista de Medellín, e Isabele Kiesel, de Chapecó, Santa Catarina.

Pode-se perceber que os textos dos dois jornalistas que estiveram tanto no local do acidente, como na cidade de Chapecó, foram muito mais detalhados e humanizados. O repórter também consegue conversar diretamente com a fonte, e isso é muito importante,

principalmente em tempos de tanta desinformação que circula em especial quando grandes catástrofes acontecem. Quando os profissionais estão no local em que os fatos ocorreram, conseguem sentir e perceber aspectos que não teriam percebido se estivessem na redação, e assim conseguem fazer um texto mais aprofundado. O trabalho jornalístico ajuda a orientar a sociedade em meio aos acontecimentos.

Nas tragédias e catástrofes, as fontes assumem um papel muito importante durante a reconstrução de um acontecimento. Como todas as fontes são diferentes, cada uma delas dá a sua versão sobre o que pode ter acontecido nos momentos do acidente e até mesmo após o acidente, fazendo com que as suas narrativas se tornem essenciais para contribuir com o relato jornalístico. Conforme o protocolo das autoras Silva e Maia (2011), as informações podem ser de primeira ou de segunda mão. No caso das de primeira mão, essas “são obtidas diretamente pelos autores do texto e podem ser fornecidas por fontes de natureza diversas (inclusive por meio de declarações públicas em coletiva de imprensas e eventos)” (SILVA; MAIA, 2011, p. 28). Na reportagem prevalecem como fontes os cidadãos: o bombeiro Camilo Taborda, Gloria Ramírez, da equipe da Defesa Civil da Colômbia, a médica Ana María González, o estudante de jornalismo David Blandón, o médico Ferney Rodríguez, a gandula Simone Batista, o gerente de uma loja de material esportivo de Chapecó, Iva Batista, o torcedor Renato Trentin, o garçom Valdemar Wiest, o torcedor Enzo Narciso, o torcedor Jonei Ravazio, o jogador Cláudio Winck, o deputado estadual Gelson Merisio e o prefeito de Chapecó, Luciano Buligon. Na reportagem também aparecem informações mais concretas sobre como aconteceu o acidente, mas não é citado de onde saíram essas informações.

Todas as fontes usadas para a realização da reportagem foram necessárias e muito bem exploradas, principalmente pelos jornalistas que estiveram em Medellín e em Chapecó. O jornalista Maurício Builes conseguiu descrever, a partir da entrevista com Camilo Taborda, o primeiro bombeiro a chegar, Gloria Ramírez da equipe da Defesa Civil da Colômbia, a médica Ana María González, o estudante de jornalismo David Blandón e o médico Ferney Rodríguez, o pânico que se instaurou na cidade de Medellín horas após o ocorrido do acidente. A jornalista Isabela Kiesel também conseguiu demonstrar através de seu texto e suas fontes o sofrimento pelo qual os moradores da cidade e principalmente os torcedores fiéis da Chapecoense estavam passando. Ela conversou com a gandula Simone Batista, o gerente de uma loja de material esportivo de Chapecó, Iva Batista, o torcedor Renato Trentin, o garçom Valdemar Wiest, o pequeno torcedor Enzo Narciso e o Jonei Ravazio, um torcedor veterano do time.

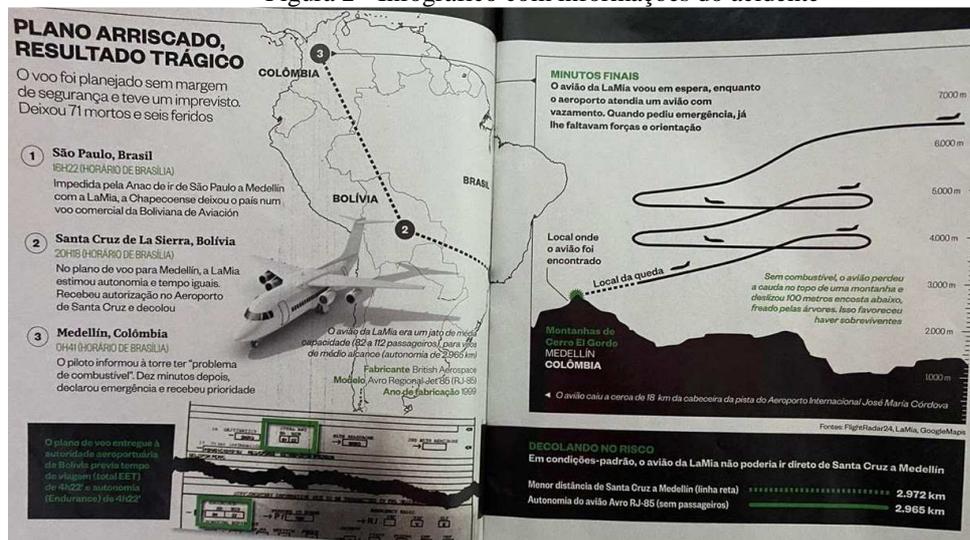
O fato de uma matéria ser assinada passa a credibilidade de que realmente existe alguém que está responsável por buscar as informações e as apresentar, além de deixar clara a responsabilidade pelo que está escrito. Todos os textos da reportagem da revista foram assinados por algum dos profissionais citados no texto. Quanto ao local de apuração, pode-se observar que a maioria dos textos foram escritos em Chapecó. Um dos textos, escrito por Maurício Builes, foi escrito do local do acidente, e os outros três da redação.

Os gêneros jornalísticos estão sempre em transformação e se alteram de acordo com cada país e cultura, portanto, as definições não são consensuais. **As marcas de composição do produto** também fazem parte do protocolo. De acordo com Melo (2009), a distribuição dos formatos é dividida em gênero informativo, gênero opinativo, gênero interpretativo, gênero diversional e gênero utilitário.

Como citado, o jornalismo interpretativo possibilita ao leitor analisar de forma crítica a realidade. É esse gênero jornalístico que é complementado com box, gráficos, ilustrações, tabelas, mapas, etc., e possibilita a compreensão das circunstâncias que envolvem os fatos. Segundo Melo (2009), o jornalismo interpretativo cumpre um papel de suma importância no que diz respeito a informar com responsabilidade o leitor. O gênero é dividido em dossiê, perfil, enquete e cronologia.

Na reportagem do acidente da Chapecoense na revista Época é possível perceber a presença do dossiê, que fica compreendido na exploração total do tema, no mapa explicativo, mostrando o local em que o avião saiu e qual era o seu destino, além de algumas informações adicionais como o plano de voo e o local da queda do avião. O mapa consegue familiarizar o leitor com o ocorrido e procura detalhar ao máximo para passar a informação completa.

Figura 2 - Infográfico com informações do acidente



Fonte: Revista Época (2016, p. 32-33)

O perfil é encontrado diversas vezes durante a reportagem com a intenção de humanizá-la. Foram cinco pessoas entrevistadas em Medellín que testemunharam a tragédia, e nove que deram sua opinião na condição de afetados pelo acontecimento, já citadas no artigo. A enquete é a única característica do jornalismo interpretativo que não aparece na reportagem.

A cronologia pode ser identificada na quinta página da reportagem, que começa com as falas do piloto e da controladora de voo, nos minutos finais que levava o time da Chapecoense. O texto que explica como tudo aconteceu se encontra na mesma página do mapa explicativo, deixando assim o leitor ainda mais entendido sobre o acidente.

Através da reportagem com gênero interpretativo, pôde-se perceber que existe a preocupação de orientar o leitor sobre a realidade contemporânea na busca de fatos detalhados e contextualizados, principalmente através do dossiê e da cronologia, que conseguem explicar muito bem as informações sobre como ocorreu o acidente. O perfil também foi essencial para a humanização da reportagem.

A reportagem do acidente da Chapecoense na revista Época, é encontrada na capa, como citado no começo da análise, em 19 páginas e é localizada na sessão especial da revista.

Segundo o protocolo utilizado para a análise, os recursos visuais/adicionais são próprios de agência de notícias, de assessoria de imprensa ou de outras fontes, e podem ser divididos em gráficos e tabelas, boxes, infográficos, imagens não-fotográficas e fotografias. Os recursos multimídia possibilitam ao profissional mostrar o que está acontecendo de uma forma mais “verdadeira”, produzindo assim um conteúdo mais interessante e relevante para os receptores.

Durante a aplicação do protocolo para a análise, observa-se que as fotos anexadas nas matérias analisadas chamam a atenção por serem impactantes. Todas em preto e branco destacando apenas a cor verde, a cor do time da Chapecoense. Todas as fotos levam legenda e assinatura. Segundo Scalzo (2004, p. 70), “fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar em um assunto, a entrar em uma matéria. Por isso ter fotos boas em mão é fundamental”. Na reportagem são utilizadas oito fotos e elas estão geralmente posicionadas em páginas inteiras, para chamar a atenção do leitor aos detalhes. Na primeira, a homenagem para a Chapecoense no estádio Atanásio Girardot, em Medellín; Na segunda, os destroços do avião; Na terceira, o jornalista sobrevivente Rafael Henzel chegando ao hospital; A quarta, Enzo Narciso, um torcedor de 7 anos fanático pela Chapecoense em seu quarto com o olhar cabisbaixo; A quinta foto é de uma das gandulas da Chapecoense no estádio após a tragédia;

A sexta é de Waldemar Wiest, garçom que atendia os atletas a um ano; A sétima foto é de mais um torcedor fanático da Chapecoense, Jonei Ravazio, e a última é de um dos jogadores que ficou fora da escalação do time - o que salvou sua vida.

Figura 3 - O pequeno torcedor Enzo Narciso em seu quarto após o acidente



Fonte: Revista Época (2016, p. 38)

Como já citado, a reportagem contém um infográfico com um mapa explicativo que ajuda a situar o leitor do plano arriscado do piloto que dirigia o avião. Segundo Scalzo (2004, p. 74), “é uma maneira de fornecer informação ao leitor, utilizando um conjunto de gráficos, tabelas, desenhos, fotos, legendas, ilustrações, mapas, maquetes”. O infográfico foi utilizado com criatividade e racionalidade, extraindo do texto informações que dificultam a leitura, como por exemplo, os dados numéricos de a quantos mil metros de altura o avião perdeu o controle. O infográfico é simples e de fácil compreensão.

Na última etapa do protocolo, chamada de **aspectos do contexto de produção**, é possível visualizar a amostra de maneira mais ampla, complementando as informações obtidas nos níveis anteriores. No contexto interno, a revista tem periodicidade semanal, então a produção é de em média sete dias. A revista foi posta em circulação uma semana após o acidente. Vários jornalistas da revista participaram da produção da reportagem, sendo assim, pode-se perceber que as tarefas foram bem distribuídas entre eles, foram 7 textos e 5 jornalistas que participaram, além do fotógrafo presente em Chapecó. A revista tem circulação em todo o Brasil e o acontecimento teve repercussão mundial.

No contexto externo, a pesquisa está localizada em um cenário sociocultural em que o futebol é o esporte mais amado e consumido pelo brasileiro. Diferentemente de outros municípios próximos do Rio Grande do Sul, onde é comum que os moradores se dividam entre os tradicionais Grêmio e Internacional, Chapecó passou a ter nos últimos anos apenas um time do coração. A Associação Chapecoense de Futebol vivia seus anos de glória, todos os amantes do futebol estavam impressionados com a ascensão do time no cenário futebolístico. Porém, na terça-feira, dia 28 de novembro de 2016, a tragédia aconteceu. Indústria e comércio fecharam as portas e as aulas foram suspensas: a Prefeitura decretou um luto de 30 dias pela tragédia que abalou o país e o futebol mundial. Atualmente, quatro anos após a queda do avião, a Chapecoense disputa a série B do campeonato brasileiro e em meio aos salários atrasados, tenta se reconstruir e voltar à elite do futebol.

### **Considerações finais**

O presente estudo sobre acontecimento jornalístico delimitou como objetivo analisar como foi construída a reportagem do acidente da Chapecoense na revista *Época*, através do Protocolo de Análise Jornalístico por Silva e Maia (2011). Pode-se dizer que a revista *Época* não deixou a desejar quando se fala da reportagem sobre o acidente da Chapecoense. Mesmo contando com apenas um jornalista no local do acidente e um na cidade de Chapecó, a reportagem trouxe diferentes perspectivas do fato tratado, os fatos foram expostos com rigor e objetividade, sem opiniões pessoais, e foram relatados com clareza. É importante destacar que a escolha das fontes fez uma grande diferença na reportagem, pois só através do discurso das fontes foi possível aos jornalistas relatarem aos leitores, com credibilidade, o que aconteceu.

Os recursos adicionais como o infográfico e as fotos trazidos na reportagem, também foram essenciais para passar aos receptores uma maior dimensão da tragédia e a explicação de como ela aconteceu. Entende-se que, o veículo trabalhou de forma suficiente, com os recursos que possuía, para fazer uma boa reportagem e de forma satisfatória informar os seus leitores, trabalhando jornalisticamente com uma tragédia que desestabilizou a sociedade.

Como as revistas são o meio de informação que tem o maior tempo para a apuração e apresentação dos fatos, as contribuições aqui apresentadas são de extrema importância, pois reforçam a ideia de que a reportagem de revista ainda explora novos ângulos, busca fontes exclusivas e confirma, explica e aprofunda o que já é veiculado nas mídias imediatas. Como pesquisadora, foi um trabalho que me fez enxergar que em meio à pressa dos veículos em

divulgar, mesmo que sem todas as informações necessárias, as notícias, ainda existem meios que fazem uma boa apuração e investigação dos acontecimentos em nossa sociedade.

## Referências

BERGER, C.; TAVARES, F. **Tipologias do acontecimento jornalístico**. VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/13654985/tipologias-do-acontecimento-jornalistico-sbpjor>. Acesso em: 23 set. 2020.

FURTADO, Thaís. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, p. 149-160, 2013.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, São Paulo, p. 39-56, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos de Jordão: Mantiqueira, ed. 3, 2003.

MELO, José Marques de. **O desafio do estudo dos gêneros**. Salvador: Pauta Geral, p.11-20, 2003.

REBELO, José. Apresentação. **Trajectos: Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa: Portugal, p. 55-58, 2006.

REVISTA ÉPOCA. **Campeã Sul Americana 2016**. Rio de Janeiro: Globo, v. 964, 5 dez. 2016, il color.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, p. 27-34, 1993.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, ed. 2, 2004.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>. Acesso em: 23 set. 2020.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51250>. Acesso em: 23 set. 2020.